



# SIMPÓSIO DE PSICANÁLISE E PRÁTICA MULTIDISCIPLINAR NA SAÚDE

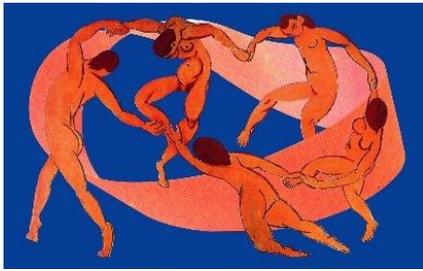
## CONSTITUIÇÃO E SEXUAÇÃO: NÃO É SEM CORPO QUE UM SUJEITO PODE ADVIR

Fernanda de Souza Borges<sup>1</sup>

<sup>1</sup> Doutoranda no Programa de Pós-graduação em Teoria Psicanalítica do Instituto de Psicologia da UFRJ. Email: [feborges.psi@gmail.com](mailto:feborges.psi@gmail.com)

Neste trabalho partimos da premissa de que a constituição do sujeito como produto dos efeitos do significante é solidária à assunção de uma posição sexuada, esta por sua vez, efeito da subjetivação de tal incidência. Desse modo, temos o objetivo, neste momento, de percorrer algumas das teorizações que sustentam a tensão entre os termos constituição/sexuação, com ênfase nas contribuições de Freud a respeito do funcionamento mental e do complexo de Édipo e de Lacan, em especial suas contribuições a respeito do Édipo, função paterna e significação fálica. A partir de uma vinheta clínica buscamos ilustrar o exposto.

Acreditamos ser possível encontrar nos processos subjacentes à constituição do sujeito os elementos que demarcam ao longo desse percurso a dissimetria estrutural de homens e mulheres para circunscrever e subjetivar o gozo. O modo como homens e mulheres inscrevem o real do sexo é absolutamente diferente, de modo que ao final do ensino de Lacan isso pode ser expresso pelo aforisma da não relação sexual. Advertimo-nos de que o ser sexuada não é o mesmo que o sujeito do inconsciente. Porém, estamos certos de que há uma profunda solidariedade entre a constituição de um sujeito falante e as possibilidades da posição sexuada. Além dos pontos de conjunção, onde um não vai sem o outro é preciso demarcar os pontos de disjunção uma vez que as identificações sexuadas assim como as escolhas de objeto não são



## SIMPÓSIO DE PSICANÁLISE E PRÁTICA MULTIDISCIPLINAR NA SAÚDE

elementos de uma determinada estrutura e sim, existem nas varias formas em qualquer estrutura clínica.

No percurso da constituição do sujeito, encontramos necessariamente com o lugar do Pai como operador fundamental de certos giros que permitem aparelhar o corpo vivo de modo que sua presença no mundo não seja demasiado anticivilizatória. Nesse sentido, ao longo de nosso percurso a respeito da constituição/sexuação buscamos abordar um conjunto das formas em que a função do Pai se apresenta - dado que na obra de Freud e Lacan podemos encontrar o Pai por vários ângulos - na tentativa de extrair o mais essencial de sua função.

Pois bem, para tal empreitada, fincamos nossos pés na obra freudiana e no aparelho por ele formulado, desde sempre aparelho linguageiro, e sustentamos que é sobre tal estrutura que se edificam os pilares da constituição e da sexuação. Quais operações lógicas fundamentais devem ocorrer para que de um sujeito, efeito do significante, possamos falar também em posição sexuada? Em que medida a diferença sexual é gerada pela linguagem e em que medida podemos reduzi-la à diferença significante? Apoiados no conceito fundamental da pulsão - conceito paradigmático em Freud - podemos afirmar: *não é sem corpo que um sujeito pode advir.*

No curso do complexo de Édipo o poliforfismo pulsional será integrado à lógica simbólica de modo a permitir uma localização do sujeito na partilha sexual, a partir das possibilidades de simbolização de seu corpo dentro da lógica fálica, que é introduzida no campo do sujeito a partir da função paterna.

Essa função é considerada por Lacan como central no campo do complexo de Édipo, que tem por sua vez “uma função normativa, não simplesmente na estrutura moral do sujeito, nem em suas relações com a realidade, mas quanto à assunção de seu próprio sexo” (Lacan, 1957-1958/1999, p.170-171). Tal assunção - pelo sujeito de seu próprio sexo - guarda relação direta com o que Lacan também cita nesse momento sobre a genitalização. *Genitalização* é um termo que nos importa muito na discussão



## SIMPÓSIO DE PSICANÁLISE E PRÁTICA MULTIDISCIPLINAR NA SAÚDE

aqui proposta pois ao tomar a criança pequena, como um apanhado de pulsões parciais, fica a questão de saber como a satisfação, vivida assim de modo fragmentado e plural pode unificar-se numa identidade sexuada e numa escolha de objeto. Em Freud poderíamos interrogar como as pulsões parciais se unificam e se subordinam à primazia genital (Freud, 1923/2011).

Segundo Soler (2005) o Édipo freudiano vem responder ao enigma de como o polimorfismo das pulsões parciais pode ao final conduzir ao parceiro do outro sexo:

Se o macho não basta para constituir o homem, nem a fêmea, a mulher, de que modo se instaura o que aparece como norma heterossexual? Essa pergunta pode ser formulada a partir de Lacan: como é que a linguagem que produz o sujeito como falta-a-ser também o dispõe a consumir as finalidades da vida, apesar do efeito de descaracterização instintual que ela gera? É a essa pergunta que responde o Édipo freudiano (p.16).

A partir do Édipo “Freud dá consistência a um Outro do discurso. Um Outro que ata suas normas, seus modelos, suas obrigações e suas proibições à identidade anatômica” (Soler, 2005, p.136), erigindo assim semblantes mais ou menos apropriados para ordenar a relação entre os sexos. A respeito da função normativa do Édipo, afirma Lacan (1957-1958/1999), ela será “aquilo que faz com que o homem assuma o tipo viril e com que a mulher assumam um certo tipo feminino, se reconheça como mulher, identifique-se com suas funções de mulher. A virilidade e a feminização são os dois termos que traduzem o que é, essencialmente, a função do Édipo” (p.171).

Assim, o Édipo naquilo que diz respeito ao sexo está diretamente relacionado ao complexo de castração e ao que neste momento do Édipo está ligado a categoria da falta chamada por Lacan *privação*, e posteriormente à *castração*.

Nossa compreensão até o momento é que a problemática freudiana que concerne ao complexo de castração diz respeito às duas modalidades da



## SIMPÓSIO DE PSICANÁLISE E PRÁTICA MULTIDISCIPLINAR NA SAÚDE

citadas acima: privação e castração, o que implica que o complexo de castração opera a passagem do segundo ao terceiro tempo, e, como consequência dá o tom para as saídas possíveis do Édipo.

Segue Lacan no texto *A significação do falo* (1966/1998) o complexo de castração tem função de nó:

1<sup>o</sup>. na estruturação dinâmica dos sintomas, no sentido analítico do termo, quer dizer, daquilo que é analisável nas neuroses, nas perversões e nas psicoses;

2<sup>o</sup>. numa regulação do desenvolvimento que dá a esse primeiro papel sua ratio, ou seja, a instalação, no sujeito, de uma posição inconsciente sem a qual ele não poderia identificar-se com o tipo ideal de seu sexo, nem tampouco responder, sem graves incidentes, às necessidades de seu parceiro na relação sexual, ou até mesmo acolher com justeza as da criança daí procriada (p.692).

Podemos, a partir do primeiro ponto que o falo como ponto no horizonte no qual a criança se referência para responder aos enigmas de sua condição de falta-a-ser, está diretamente relacionado ao campo das estruturas clínicas e diagnóstico, porém nesse momento vamos nos debruçar mais sobre o segundo ponto. Lacan dá três coordenadas a partir das quais podem se orientar as pesquisas a respeito da sexuação:

- 1- A instalação do sujeito numa posição inconsciente sem a qual não poderá identificar-se com o tipo ideal de seu sexo;
- 2- Responder ao parceiro na relação sexual em termos genitais, e;
- 3- Acolher a criança daí procriada, ou seja, ocupar a posição parental que lhe cabe.

Optamos aqui, nesse ponto do texto, em fazer um retorno a Freud para recuperar pressupostos fundamentais que articulam o complexo de castração, a diferença sexual anatômica, a significação fálica e por fim, seus efeitos na instalação de uma posição sexuada.



## SIMPÓSIO DE PSICANÁLISE E PRÁTICA MULTIDISCIPLINAR NA SAÚDE

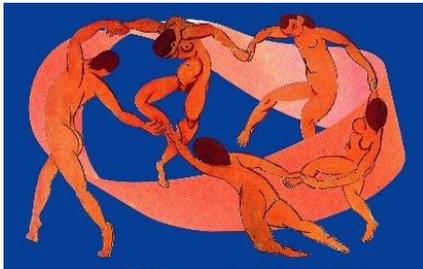
Não fui eu quem inventou que ele [sujeito] não se introduz nisso sem que aí venha desempenhar um papel de primeiríssimo plano o órgão sexual masculino. Esse é o centro, o eixo, o objeto de tudo o que se relaciona com a ordem de acontecimentos, bastante confusos e mal discernidos, convém dizer, a que chamamos complexo de castração (Lacan, 1957-1958/1999, p.205)

Podemos extrair a partir das colocações de Lacan em *A significação do falo* (1966/1998) citadas acima, que o falo é o operador simbólico que organiza as facetas da posição sexuada de um sujeito desde suas identificações até as possibilidades de exercício da sexualidade e das funções parentais. A partir de uma entrevista com um paciente psicótico, onde supomos a forclusão desse significante, pudemos notar, ao avesso como esse operador é fundamental para que um sujeito possa se localizar na partilha sexual sem grandes transtornos. Esse paciente começa a ter pensamentos telepáticos concomitantemente ao surgimento de questionamentos a respeito de sua identidade sexuada. Ao querer ser heterossexual, entende que para tal é preciso “ser machista e homofóbico”, fato que culmina numa cena onde agarra uma garota à força.

Esse pequeno fragmento demonstra como na falta do operador simbólico que possa mediar as significações, homem e mulher, hétero e gay, acabam sendo alocados em significações fixas, que precisam ser apoiadas em figuras da realidade imediata do sujeito. É provável que o pai seja um homem hétero, machista e homofóbico. Não sabemos.

Essas identificações são as bengalas imaginárias diante da ausência da lei simbólica. Diz Lacan, no seminário das psicoses:

(...) nem todos os tamboretos [espécie de banco, cadeira] tem 4 pés (...). É possível que de saída não haja no tamborete pés suficientes, mas que ele fique firme assim mesmo até certo momento, quando o sujeito em certa encruzilhada de sua história biográfica, é confrontado com esse defeito que existe desde sempre. Para designá-lo,



# SIMPÓSIO DE PSICANÁLISE E PRÁTICA MULTIDISCIPLINAR NA SAÚDE

contentemo-nos até o presente com o termo *Verwerfung* (1955-1956/1988, p. 231).

Assim, concluímos que a partir da falha nesse função simbólica de metaforização, podemos ter a dimensão do que a presença dessa função comporta. O enigma sobre o sexual recai, como peste, sobre todos. Ou ele nos convoca a partir do simbólico ou do real, exigindo assim responder singulares.

**Palavras-chave:** Sexuação; Metáfora Paterna; Constituição do Sujeito.

## Referências

Lacan, J. (1988). *O seminário, livro 3: As psicoses*. (Aluísio Menezes, Trad.) Rio de Janeiro: Zahar. (Obra original publicada em 1955-1956).

Lacan, J. (1999). *O seminário, livro 5: As formações do inconsciente*. (Aluísio Menezes, Trad.) Rio de Janeiro: Zahar. (Obra original publicada em 1957-1958).

Lacan, J. (1998). A significação do falo In: J. Lacan, *Escritos* (Vera Ribeiro, Trad.) (pp.692-703). Rio de Janeiro: Zahar. (Obra original publicada em 1958).

Freud, S. (2011). Organização genital infantil. In P.C. de Souza (Trad.), *Obras completas* (Vol. 16, pp. 168-175) São Paulo: Companhia das Letras. (Obra original publicada em 1923).

Forin Jr. R. (2018). *Ovo*. Belém: FCP- casa das artes.

Maroca de castro, M. (2018). *Traços da transmissão*. Dissertação de mestrado não-publicada, Instituto de Estudos da Linguagem, Unicamp. Campinas.

Soler, C. (2005). *O que Lacan dizia das mulheres* (Vera Ribeiro, Trad.). Rio de Janeiro: Zahar.